Para o Ipea, crescimento tem de ser sustentado

Instituto defende expansão menos acelerada para não haver riscos à estabilização da economia

JÔ GALAZI

RIO — A economia brasileira vem acumulando indicadores cada vez mais positivos nos últimos meses. O Produto Interno Bruto (PIB) — soma dos bens, mercadorias e serviços produzidos no País — cresceu no ano passado pouco mais de 5%. A expansão está acontecendo pelo segundo ano consecutivo.

Nem por isso, entretanto, é hora de relaxar, avisa o coordenador do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC) do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Claudio Considera. Para ele, o Brasil tem de buscar, a partir de todos esses dados positivos, um crescimento realmente sustentado, dentro de uma economia com estabilização consolidada, sem se aventurar em uma expansão que venha a resultar em mais inflação à frente. Prever que a economia em 1995 crescerá 7% e acreditar ao mesmo tempo que a inflação continuará baixa são projeções contraditórias entre si, afirma.

"Sei que parece estranho que nós, que somos do Ministério do Planejamento, estejamos fazendo esse alerta", diz, frisando que o Ipea não defende uma recessão, mas apenas um crescimento menos acelerado, para não colocar em risco o programa de estabilização. "Nenhuma economia pode ser qualificada de estabilizada com inflação de 20% ao ano, como é o nosso caso agora."

De acordo com Claudio Considera, o formidável crescimento da economia nos últimos meses conjugado a índices de inflação muito baixos está dando aos brasileiros uma impressão de segurança que precisa ser observada com muito cuidado. "Se o consumo não tivesse sido tão grande no final do ano passado, a inflação teria sido ainda menor." O economista diz também que, se a demanda tivesse sido contida a tempo, a balança comercial não teria tido o déficit de US$ 884 milhões verificados em dezembro. "Boa parte do que importamos foi matérias—primas para a indústria brasileira produzir e atender à demanda interna", explica. "Não podemos descuidar do balanço de pagamentos e, se o consumo continuar crescente, as importações seguramente terão de aumentar excessivamente, gerando novos déficits comerciais."